



VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas

LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS
NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ

VOZES QUE RASGAM O SILÊNCIO: O RAP COMO POTÊNCIA POLÍTICA DAS MULHERES

Danielle Martins Araújo¹
Sidney Fernandes dos Santos Silva²

¹Universidade do Estado da Bahia – UNEB, dm3922624@gmail.com

²Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sfsantos@uneb.br

Palavras-chave: Rap; Discurso; Mulheres; Resistência.

INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso, em sua abordagem francesa, não se limita à análise do texto enquanto estrutura linguística, mas considera também as condições de produção e circulação do discurso, ou seja, os contextos sociais, históricos e ideológicos que o atravessam. Segundo Orlandi (2015, p. 15), “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” Sob essa perspectiva, o discurso é concebido como uma prática social que articula linguagem, ideologia e sujeito.

Não se trata apenas de uma sequência de palavras, mas de um espaço de sentidos, atravessado por disputas, silenciamentos e resistências. Assim, compreender o discurso é também compreender os modos pelos quais sujeitos se posicionam, significam e ressignificam o mundo que habitam.

Nesta conjuntura, busca-se analisar canções de rap/hip hop de autoria feminina, compreendendo esse gênero musical como um espaço discursivo de produção de sentidos, no qual as mulheres constroem estratégias de resistência e protagonizam enfrentamentos as múltiplas formas de opressão. Ao enunciar vivências atravessadas por desigualdades de gênero, raça e classe, essas artistas ressignificam o próprio gênero musical, ampliando seus sentidos políticos e instaurando novas formas de resistência e de disputa no cenário cultural. A presença dessas artistas não somente denuncia estruturas opressoras, como também constroem narrativas alternativas, resgatam memórias coletivas e afirmam identidades femininas em sua pluralidade.

A fundamentação teórica desta pesquisa apoia-se epistemologicamente na Análise do Discurso, conforme desenvolvida por Michel Pêcheux e trazida e reelaborada ao contexto brasileiro por Eni Orlandi (2015), compreendendo o discurso como prática social e ideológica, atravessada por formações discursivas, processos de resistência e relações de poder. Para pensar a construção do *ethos* discursivo e as formações imaginárias, este trabalho recorre ainda aos aportes de Dominique Maingueneau (2008), que contribui para a compreensão da cena enunciativa e da constituição identitária nos dizeres do sujeito.

O estudo dialoga com autores como Micael Herschmann (2005), a idealizadora da *Revista Interativa Som das Minas*, Victória Lima (2019) e bell hooks (2023), cujas reflexões revelam a importância do rap enquanto manifesto. Tais contribuições são fundamentais para compreender como a voz feminina no rap emerge não apenas como expressão artística, mas



VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas

LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS
NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ

como discurso político que denuncia violências, afirma subjetividades e reivindica espaços historicamente negados. Por intermédio do referencial teórico adotado e da análise do corpus selecionado, o objetivo desta pesquisa é analisar de que maneira as mulheres se apropriam do rap como ferramenta de enunciação crítica, ressignificação da experiência vivida e produção de sentidos que tencionam a lógica hegemônica de silenciamento e exclusão.

METODOLOGIA

O presente trabalho, cujas pesquisas encontram-se em curso, propõe analisar o impacto da presença feminina na cena do rap, investigando de que maneira as mulheres utilizam a música como forma de resistência, afirmação identitária, politização e enfrentamento das múltiplas opressões que atravessam seus corpos e discursos.

Como recorte deste estudo, será analisada a produção discursiva presente no rap *1910* (duração: 8 minutos e 37 segundos), de Azzy, com participação de Lourena, Nabrisa, Thai Flow e Gabz, produzida por Nobru Black. A faixa aborda temas como resistência, superação e a busca por um lugar de respeito e dignidade em uma sociedade que frequentemente marginaliza e oprime as mulheres.

Nesse contexto, o rap feminino emerge como prática discursiva contra-hegemônica, capaz de reconfigurar imaginários sociais e instaurar novas formas de dizer e de ser no mundo. Ao apropriar-se da linguagem como ferramenta de luta, essas mulheres não só denunciam as estruturas que as oprimem, mas também criam um território de pertencimento, no qual suas subjetividades são reconhecidas, suas dores legitimadas e suas existências reafirmadas.

O discurso proferido por mulheres rappers tenciona normas, confronta estereótipos e amplia os sentidos possíveis sobre o ser mulher em um espaço hegemonicamente masculinizado. Através de estratégias linguísticas e simbólicas, essas vozes constroem um *ethos* de resistência que instiga o silenciamento, arremessando-se como sujeitos potentes e politicamente engajados. O enfrentamento da misoginia, do racismo e da marginalização perpassa suas rimas, que não só criticam a ordem vigente, mas também reivindicam o direito de existir, narrar e transformar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O rap nacional concebe uma profunda relação com as causas sociais, configurando-se como uma linguagem marcada pela denúncia, pelo enfrentamento das desigualdades e pela resistência. É recorrente nesse estilo a presença de elementos que tensionam as estruturas de poder e evidenciam os conflitos sociais vivenciados, especialmente nas periferias urbanas. Segundo Micael Herschmann (2005, p. 31), “[...] essa linguagem, indica que o rap tem se consolidado não apenas como uma forma importante de expressão artística, mas também de protesto, de afirmação de valores, significados e etnicidades.”

Conforme Dominique Maingueneau (2008), o *ethos* diz respeito à imagem de si que o locutor tece no e por meio do discurso, a qual não é uma representação meramente consciente



VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas

LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS
NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ

ou deliberada, mas um efeito discursivo produzido por escolhas linguísticas, estilísticas e argumentativas. Na tessitura discursiva do rap *1910*, esse *ethos* é construído a partir de referências históricas, sociais e culturais que evocam a ancestralidade negra, denunciam o racismo estrutural e evidenciam a violência estatal, como se observa nos seguintes versos:

“Toda luta que preze igualdade tende ao
fracasso

Não somos iguais, somos únicos!

Seres em evolução, entendam

Estamos aqui pela equidade

Justiça. Queremos justiça! Nada mais

Eu já me vendi nas esquinas

Eu já me arranhei nas esgrimas

Cês mataram a menina

Agora vão ter que me ouvir

Como Dandara que lutou junto de

zumbi

E nem ouvi fazer homenagem

Cês tem tesão em ménage

Nos fode em coletivo pra dizer que o

som é agressivo

Nem me fez gozar e quis ouvir o meu

gemido...”

(*1910* – Azzy, Lourena, Nabrisa, Thai Flow, Gabz, Nobru Black)

Por esse ângulo, o rap ultrapassa os limites da arte e afirma-se como prática discursiva que expressa vivências coletivas, articula identidades e reivindica direitos, tornando-se um potente instrumento de intervenção no real. O discurso em questão desconstrói a concepção simplista de “igualdade” como objetivo último das lutas sociais, valendo-se de uma linguagem confrontativa típica do rap de protesto. Além disso, o discurso utiliza de forma estratégica a ironia e a sexualidade como recursos para criticar a objetificação do corpo feminino, a hipocrisia social e as estruturas de poder que exploram e silenciam as mulheres.

A expressão “nos fode em coletivo” funciona como metáfora de um abuso sistemático, não apenas sexual, mas também social e cultural, promovido por essas estruturas e pela indústria. A crítica se dirige àqueles que desqualificam a arte produzida por mulheres, rotulando-as como “agressivas”, ao mesmo tempo em que exploram e consomem sua imagem e seu corpo.

A ocupação feminina desses espaços ergueu-se sobre o terreno das lutas e dos enfrentamentos. No rap, a presença das mulheres desencadeou reações, suscitou murmúrios e enfrentou constantes tentativas de deslegitimação. Seus corpos, suas vozes, sua competência e até mesmo sua feminilidade foram postos em xeque. Tais práticas discursivas, longe de serem neutras, operam na reprodução das estruturas patriarcais que, historicamente, buscam controlar e regular a presença feminina nos espaços públicos e artísticos, reafirmando desigualdades e tensionando os sentidos possíveis do que significa “ser mulher” nesse contexto.

Como observa Victória Lima, idealizadora da *Revista Interativa Som das Minas* (2019, p. 10), “Algumas mulheres começaram a ter um pequeno espaço na cena, mas para isso



VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas

LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS
NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ

precisavam masculinizar a sua aparência física.” Mesmo com avanços, a presença feminina permanece marcada por desigualdades, estigmas e tentativas de silenciamento, tensionando-se de forma evidente nos versos:

“...Então vai, me chame de piranha por ter
livre arbítrio
Sei que me querem calada
Meu erros me jogaram no fundo do
poço
Mas como Levi, levitei
E quando levantei foi pra ser bem mais
foda...”

(1910 – Azzy, Lourena, Nabrisa, Thai Flow, Gabz, Nobru Black)

Na materialidade dos discursos enunciados, o rap se desvela como linguagem de resistência e instrumento de contestação social. Simultaneamente, demonstram que esse universo constitui um espaço de disputa simbólica, no qual as mulheres elaboram seus discursos a partir de experiências atravessadas por opressões de gênero, raça e classe. Ao inscreverem suas vivências e narrativas na cena, essas mulheres tensionam sentidos historicamente cristalizados, rompem com discursos que buscam silenciá-las e instauram novas possibilidades de dizer.

Em seu livro *O feminismo é para todo mundo*, bell hooks, no capítulo intitulado *A sororidade ainda é poderosa*, destaca: “O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras.” (hooks, 2023, p. 35). Essa reflexão dialoga com os discursos do rap feminino, nos quais a crítica às rivalidades entre mulheres e à objetificação de seus corpos se articula como resistência e afirmação identitária, evidenciando a construção de espaços de sororidade e empoderamento, como se observa na seguinte passagem:

“...Menos vaidade, atacar uma as outras
Não passa de auto-sabotagem
Cês gostam de viagem
Então passem a levar a própria bagagem
Sem sucessagem
Ninguém mais nos segura...”

(1910 – Azzy, Lourena, Nabrisa, Thai Flow, Gabz, Nobru Black)

Os discursos engendrados evidenciam que disputas e ataques entre mulheres não beneficiam nenhuma, mas enfraquecem a coletividade, conceito reforçado pelo uso da expressão “autossabotagem”, que indica como essas rivalidades, em vez de combaterem as estruturas opressoras, prejudicam o próprio grupo. Nesse sentido, bell hooks (2023, p. 35) destaca que “O pensamento feminista nos ajudou a desaprender o auto-ódio feminino. Ele nos permitiu que nos libertássemos do controle do pensamento patriarcal sobre nossa consciência”, evidenciando que a superação dessas rivalidades internas é fundamental para a construção de solidariedade e resistência entre mulheres.

Nesse sentido, a análise do rap feito por mulheres permite compreender como elas constroem seus *ethos* discursivos a partir de experiências subjetivas e coletivas, inscrevendo-se



VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas

LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS
NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ

em formações imaginárias que desafiam o silenciamento e a invisibilidade. Através de suas enunciações, as mulheres reposicionam-se nos espaços simbólicos, criando novos modos de subjetivação e expandindo as fronteiras do dizer feminino, fazendo da palavra uma arma potente de transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um estudo ainda em andamento, compreende-se que a análise aqui proposta é parcial, mas já permite identificar importantes elementos de sentido. O enunciado musical *1910* da rapper Azzy, com participação de Lourena, Nabrisa, Thai Flow e Gabz, produzida por Nobru Black, insere-se como um manifesto poético-político em que as artistas reivindicam a escuta, posicionando-se como sujeitos de fala a partir de uma perspectiva interseccional.

Através de uma linguagem poética, visceral e politicamente engajada, as artistas transformam experiências individuais em vivências coletivas de resistência. O discurso, atravessado por interseccionalidades de gênero, raça, classe e território, afirma a mulher negra como sujeito político ativo, denunciando um sistema que historicamente insiste em marginalizar seus corpos e narrativas. Dessa forma, os discursos enunciados constituem um documento simbólico de seu tempo, revelando disputas relacionadas ao corpo, à memória, à linguagem e à própria existência.

REFERÊNCIAS

- HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras; tradução Bhuvi Libanio. – 23º ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.
- LIMA, Victória Cerqueira. **Som das Minas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.
- THAI Flow; NABRISA; LOURENA; AZZY; GABZ. **1910**. Produção de NOBRU Black. Videoclipe, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/xM9ofxGdIr8?si=LO4d4hS2krQSVipG>. Acesso em: 6 ago. 2025.